

Antigamente dizia-se "O estilo é o homem". Atualmente se diz "O canal é a mensagem". Seja qual for a formulação, o problema persiste por cima das ne-  
das. E este: Conteúdo e forma, tema e variação, o falado e a forma de par-  
ler, estrutura e repertório, implicam-se mutuamente. Há dialéctica entre o  
método e a meta. E o problema continua a confrontar-nos, a despeito das so-  
luções propostas desde Aristóteles até McLuhan. Tratarei, neste artigo, de  
um aspecto muito específico do problema: de como um tema "poético" implica  
um ritmo, e de como um ritmo implica um tema, e de como as duas implicações  
resultam, sinteticamente, em poesia. Abordarei a questão intuitivamente, e  
pedirei ao leitor que assumia idêntica atitude. Que permita que o rufar dos  
selenes tambores que batem o ritmo dos versos seguintes se apossa da sua in-  
tuição tanto quanto as suas nebulosas imagens.

temples abertas dos mares, terraços festivos  
temples das danças veementes, dos hinos veementes  
oh, a chegada espumante das ondas relantes  
oh, os mergulhos melhados das brancas gavetas  
temples festivos, abertas, das ondas, dos mares

(Theen Spanudis: "Liturgias").

Quem entre nós não sentiu, pelo menos em certos momentos, o pulsar da ma-  
gia do ritmo nas veias como um imperativo? Como um daimon que nos prepe-  
le irresistivelmente a realizar a batida do ritmo em gesto, em dança, com  
o pincel, com música, com palavras? E quem não sentiu, surpresa, como os  
movimentos do ritmo produzem, de si, o seu assunto? Como o ritmo formula  
o seu próprio tema? E como se a batida ritmada de ferro contra a pedra ti-  
vesse por resultado automático a estátua que lhe é apropriada. Inversament-  
te: Quem não sentiu, como descoberta feliz e misteriosa, a repentina im-  
posição de um ritmo determinado por um assunto a ser resolvido? E como o  
ritmo impõe pelo assunto o método apropriado para a resolução do assun-  
to? E como se a estátua a ser esculpida da pedra impuzesse sobre o escul-  
tor um ritmo de marteladas como único método para a realização dessa espe-  
cífica obra. É essa experiência comum a todos nós que abre, a meu ver, o  
caminho para a compreensão dos versos citados.

Falei em voz imperativa de ritmo nas veias. Mas certamente não pretendi  
evocar a nefasta voz de sangue. O ritmo ao qual me refiro não é imposto  
por biologia, por "raça". Mas por tradição cultural, essa herança típica-  
mente humana. É verdade que um é o ritmo que faz vibrar o guerreiro no  
Niger, e cujo eco distante permeia as noites de Copacabana. E entre o rit-  
mo que scandeia o canto dos bardes achaios, e cujas derradeiras vibrações  
permeiam os versos de Theen Spanudis. Mas é igualmente verdade que ambos  
ritmos são mutuamente traduzíveis, e que o Brasil é um dos lugares de tra-  
dução entre a batucada da favela e o dáctilo de Spanudis. É um suce espe-  
cial e suprabiológico o sangue que pulsa nas veias humanas.

## VILÉM FLUSSER

O dâctile é o ritmo escolhido por Spanudis, ou é o ritmo pelo qual Spanudis foi escolhido para ser poeta. Spanudis é grego? Mas somos todos gregos. E se os gregos foram escolhidos entre todos os povos, e santificados pelo mandamento deste ritmo, é a nós todos como herdeiros dos gregos que as musas escolheram. Mas possivelmente esteja exagerando a helenidade tanto nessa quanto a de Spanudis. E uma contemplação mais atenta dos versos citados revelará a ruptura que os separa da sua origem. Revelará que brotam de um espírito atermentado de século 20.

Os versos citados são compostos de palavras portuguesas, não gregas. E a estrutura fonética de português difere da grega. Em português coincide, nas sílabas, acento e comprimento, qualidade e quantidade. Em grego não coincide. O dâctile, em grego, se dá apenas ao nível da quantidade. E isto é irreproduzível em português, por mais que Spanudis se esforce, (conscientemente ou inconscientemente). Truques como a fusão quantitativa da última sílaba em "chegada" e da primeira em "espumante" no terceiro verso desteam. E conferem ao poema todo um clima dissonante, tão nesse.

O dâctile forma, classicamente, duas estruturas preferenciais rítmicas decisivas para a nossa cultura. A primeira é o hexâmetro, e que tem a seguinte forma: ,.,.,.,.,.,.,.; Uma sequência de hexâmetros cria aquele clima de vibração sustentada e sustentada, chamado "épico", que distingue toda uma face da tradição ocidental, se compara com outras. A segunda estrutura é o pentâmetro, e tem a seguinte forma: ,.,.,.,-.,.,.,. Uma sequência de hexâmetros e pentâmetros alternados cria aquele clima de vibração constantemente repida e contraditória, chamado "elégico", e que acompanha, qual provocação e lamento, a tradição do Ocidente. Comparem o clima majestoso dos seguintes versos, com o clima torturado dos versos citados sob (2):

(1) Aurea prima sata est actas quae vindice nulle  
sponte sua sine lege fidem rectumque celebrant

(2) Ille ego qui fuerim tenererum luser amorem  
quem legis, ut neris, accipe, posteritas.

A qualidade de imperiosa afirmação que caracteriza os primeiros versos permeia todas as línguas, as quais, como o tcheco, põe o acento sobre a primeira sílaba de cada palavra. A qualidade de inquieta interrogação, (e de provocação), que caracteriza os segundos versos permeia todas as línguas, as quais, como o francês, acentuam a última sílaba de cada palavra.

Poris os versos de Spanudis divergem da tradição clássica, por centerem apenas cinco dâctiles, e terem esta forma: ,.,.,.,.,.,.; E como se Theon Spanudis, herdeiro dos Homeros e dos Ovidios, tivesse embarcado no vasto mar de hexâmetro, mas tivesse naufragado na recha que separa o quinto dâctile de sexto. Um naufrágio que caracteriza o nesse tempo. E que pode ser interpretado como falta de grandeza épica, ou como impaciência diante do tédio de toda grandeza. Um Homero que passou pelo crivo de Kafka.

### VILÉM FLUSSER

Considerarei os versos citados, até aqui, apenas de um ponto de vista estrutural, como ritmo. Portanto um aspecto da sua sintaxe. Se quiser lançar um olhar rápido sobre o significado das suas palavras, sobre um aspecto semântico do poema, confirmaria, creio, o clima de dissidência e ruptura. Os templos dos quais Spanudis nos fala há muito não abrigam más presenças divinas; as festas que festejam há muito não glorificam ergiasticamente Aquela que nasceu da espuma; e as brancas gaivotas, por mais que brinquem com os "m", os "g", e os "lh" das ondas relantes, não mergulham, há muito, em Thalatta, nas nos mares das praias brasileiras. Há, no clima pseudo-clássico destes versos, uma saudade romântica que é desmentida. E uma observação mais atenta revelará, creio, mais outra ruptura.

São as sílabas exclamatórias "eh" que são muito reveladoras. Explicam, em parte, o ritmo grego e a quebra de ritmo grego. São exclamações dos clássicos, (não gregos), mas alemães, e dos românticos alemães, os quais, ambos, buscam a terra dos gregos com a alma. Os "eh" são os vestígios dos Goethe e Schiller, dos Heelderlin e dos Novalis, no percurso de Theon Spanudis. E o dátilo de Spanudis não é, portanto, filho de Homero, mas neto. É filho de Schiller, e a qualidade germânica dos versos de Spanudis torna-se visível. Esta helenidade germanizada, ("faustica"), em trajes brasileiros é o que torna os versos tão comoventes. E que os torna tão importantes e germinadoras no contexto brasileiro.

Assim se apresentam os versos de Spanudis: como uma série complexa de estruturas que se impõem sobre a sua mente criadora. Estruturas rítmicas e temáticas, das quais é impossível fugir, já que são elas as regras pelas quais Spanudis foi lançado em cena, para ser poeta. "Nach dem Gesetz, wenach du angetreten. So mußt du sein, dir kannst du nicht entfliehen." (Segunda lei, pela qual entrastes em cena. Assim precisas ser, não pedes fugir a ti mesmo). (Goethe, O Daimon). Pois por ter aceite a sua própria lei, por ter aceite a voz imperativa que pulsa nas suas veias, que Spanudis é livre. Essa voz é sua vocação de poeta. Liberdade não é escolha aleatória de alternativas. Liberdade é a escolha de si mesmo. Por ter escolhido o dátilo, esse ritmo que o determina, Spanudis é livre, isto é: poeta. E a liberdade que é consequência de encontro consigo mesmo articula-se como autenticidade. Em toda a sua complexidade rítmica e temática, com todas as suas camadas gregas, alemães e brasileiras, estes versos são autêntica poesia. Cabe a nós, os seus parceiros críticos, fazer com que essa poesia penetre o mais fundo possível o tecido da cultura brasileira, afim de agir nela produtivamente. Que se propaguem, abertos pela crítica, pelas ondas dos mares.